

FEYERABEND, Paul K. **Matando o tempo**. Uma autobiografia. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: EDUNESP, 1996. 197p.

Escrever um diário, guardar papéis, escrever uma autobiografia são práticas que participam daquilo que Foucault chamava de preocupação com o eu – prática da construção de si mesmo e de resistência, ocasião de se fazer ver tal como se quer ser visto, e de como o próprio autor se vê.

Em **Matando o tempo**, Paul K. Feyerabend (1924-1994), um dos filósofos mais citados e controvertidos de nosso tempo, informa que nunca escreveu um diário, não guardou cartas (nem mesmo dos ganhadores de prêmios Nobel) e até jogou fora um álbum de fotografias de família para dar espaço a livros que considerava, naquela ocasião, muito importantes. Entretanto, faz o arquivo da própria vida, porque **Matando o tempo** é um autobiografia completada no último mês de vida.

Desentocando a família, presenciando a ascensão do nazismo, descrevendo os anos de guerra, apreciando o teatro e o canto lírico, a filosofia da ciência, as mulheres de sua vida e seu relacionamento com alguns intelectuais mais importantes do século, como Brecht, Wittgenstein, Popper, Lakatos, Kuhn e muitos outros, Feyerabend oferece ao leitor uma biografia inteligente, irônica, profunda e honesta.

Matando o tempo é uma desmistificação de sua trajetória filosófica – alternativa entre o ser um escritor, um ator, a física teórica e o canto lírico. Ligada a ela, a desmistificação da “profissão” filosófica, que cobrou do autor um tributo elevado, conforme Jesus de Paula Assis – apresentador de Feyerabend em sua autobiografia – teve dificuldades para conseguir cargos docentes e sem-

pre suscitou suspeitas quanto à sua seriedade intelectual. Mas, depois de percorrer o livro, o leitor certamente descobrirá que é possível ser intelectualmente responsável sem precisar se render a uma especialização extrema, sem precisar abandonar toda a variedade e riqueza da cultura em prol de uma disciplina qualquer.

Através dos pequenos quinze capítulos, Feyerabend move-se pela Filosofia da Ciência no século XX, desde o racionalismo crítico de Karl Popper até o “vale tudo”, lema anarco-dadaísta que adota para a metodologia das ciências e como prática na sua vida diária. Assim, no capítulo XII – que denomina “Contra o método”, explicita o ritmo de trabalho utilizado para a publicação de seus escritos (entre os quais, *Contra o método*, 1975) e elenca algumas das críticas que recebeu, cujas referências conservamos na primeira pessoa:

- “A obra não é um livro, é uma colagem. Contém descrições, análises, discussões que publiquei, quase com as mesmas palavras, dez, quinze, até vinte anos antes” (p. 147).
- “Organizei-a numa ordem adequada, acrescentei transcrições, substituí passagens moderadas por outras mais violentas e chamei o resultado de ‘anarquismo’. Eu adorava chocar as pessoas e, ademais, Imre (Lakatos) queria que o conflito fosse claro, não apenas de uma tonalidade cinza” (p. 150).
- “Demo-nos conta de que maneiras comuns de falar eram melhores, mais flexíveis e mais sutis do

que seus substitutos filosóficos. Havia, então, dois tipos de temor a serem removidos – a Filosofia da Ciência e a Filosofia Geral (ética, epistemologia, etc.) – e duas áreas da atividade humana que poderiam sobreviver sem eles – a ciência e o senso comum” (p. 150).

- “Não há um senso comum, mas vários... Tão pouco há somente uma forma de conhecimento – a ciência – mas muitas outras. A própria ciência tem partes conflitantes, com diferentes estratégias, resultados, ornamentos metafísicos. Ela é uma colagem, não um sistema” p. 151).
- “A exemplo de Nestroy (autor austríaco de comédias dialéticas do século passado) e dos dadaístas, evitei maneiras acadêmicas de apresentar uma concepção, preferindo locuções comuns e a linguagem do mundo dos espetáculos e da literatura popular” (p. 152).
- “Muitos críticos me acusaram de inconsistência... Alguns leitores tiveram dificuldades com meu estilo... Entraram, então, em cena os cientistas. Alguns louvaram a minha reivindicação de uma abordagem menos dogmática, outros me viram como o pior inimigo da ciência (*Nature*, 1987) e por quê? Porque eu dizia que abordagens não ligadas a instituições científicas podiam ter algum valor” (p. 153-154).
- “Que penso hoje de minha obra *Contra o método*? Penso que os cientistas sempre agiram de uma maneira liberal e oportunista ao

fazerem a pesquisa, embora, em geral falem de modo diferente ao *pontificar* sobre ela... É agradável ver que certas concepções de gabinete minhas estão defendidas por estudiosos” (p. 159).

- “Cheguei à conclusão de que toda cultura é potencialmente todas as culturas, e que as características culturais específicas são manifestações mutáveis de uma única natureza humana” (p. 159).
- “O objetivismo e o relativismo não são apenas insustentáveis como filosofias: são maus guias para uma colaboração cultural frutífera. Alguns de meus primeiros escritos sustentavam exatamente isso – mas levei muito tempo para perceber. Dessa forma, eu não estava apenas à frente dos outros: eu estava à frente de mim mesmo” (p. 160).

“Matar o tempo” é tradução livre da palavra *Feierabend* (muito comum em alemão), mudada por um avô, trocando o *i* “pelo mais exótico *y*”: *Feyerabend*, sobrenome do filósofo que arquiva a própria vida em **Matando o tempo**.

Ao se pôr no espelho, o autor contrapõe à imagem social – filósofo da ciência, a imagem íntima de si próprio: “Eu queria que, depois de minha partida, ficassem algumas coisas minhas, não escritas, não declarações filosóficas finais, mas amor... Isso é o que eu gostaria que acontecesse, a sobrevivência não intelectual, mas do amor” (p. 157).

Em criança, respondia à pergunta “o que você vai fazer quando crescer?”

com o “quero me aposentar”. Aposentado em 11 de fevereiro de 1994, vai-se embora com o passado debaixo do braço. Deixa a “coleção de si” em **Matando o tempo**, dadaísta travesso/anarquista sério, para não esquecermos que onde se pensa que existe método só há acaso, descoberta, aposta; que se deve tornar a teoria persuasiva através da propaganda, com o fim de convencer a comunidade científica; que as orientações existem para serem desrespeitadas, as exigências dribladas, os programas para não serem seguidos (princípio da proliferação); que a ciência é uma espécie de crença mítica; que a mudança de um paradigma para outro implica uma nova visão de mundo, com mudança de significado dos conceitos e com a impossibilidade de se comparar a nova e a antiga teoria (princípio da incomensurabilidade); e que o “único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale”, seu *anything goes* (crítica ao conservadorismo).

Feyerabend acredita que suas recomendações contribuem não exatamente para o progresso do conhecimento, mas para a felicidade e o desenvolvimento do ser humano e para a criação de uma sociedade mais livre. Para gostar ou não de **Matando o tempo** é preciso, com ele, não se ver necessidade de critérios objetivos de avaliação: “o que sobra são julgamentos estéticos, julgamentos de gosto, e nossos próprios desejos subjetivos” (p. 150).

Maria Lucia de Amorim Soares